

## FRONTEIRAS – REPENSANDO AS CIDADES NO SÉCULO XXI

**Aluna: Mariane Costa Dias**

**Orientadora: Maria Alice Rezende de Carvalho**

### **Introdução**

As atividades aqui relatadas foram previstas e coordenadas pela professora Maria Alice Rezende de Carvalho, no âmbito do projeto intitulado FRONTEIRAS – REPENSANDO AS CIDADES NO SÉCULO XXI.

### **Objetivos**

Inicialmente, trabalhamos com o objetivo de produzir um conhecimento mínimo do projeto, que fosse compartilhado por todos os membros da pesquisa. Para isso, foi indicado como leitura obrigatória o livro de Vânia Carneiro de Carvalho, *GÊNERO E ARTEFATO: O SISTEMA DOMÉSTICO NA PERSPECTIVA DA CULTURA MATERIAL – SÃO PAULO, 1870-1920*, publicado pela Edusp em 2008. O livro, que resultou de uma tese de doutorado, pretende apontar a modernização da cidade de São Paulo em fins do século XIX, levando em conta, principalmente, as transformações operadas no interior das casas burguesas, em termos de atribuição de novas funções aos diferentes espaços, arrumação dos cômodos para atender a mudanças de hábitos sociais etc.

Nas primeiras páginas da “**Introdução**” encontra-se uma breve descrição sobre os **estudos de gênero**, datando seu início na década de 70 do século XX nos Estados Unidos e denominando-o como estudos sobre a **mulher** ligados a movimentos reivindicatórios que viam como **sexuadas** as desigualdades sociais (pp.19). Assim, “*a categoria ‘sexo’ foi substituída por ‘gênero’ com o objetivo de sublinhar o caráter social, econômico e político das diferenças entre homens e mulheres.*” ( CARVALHO, Vânia Carneiro. *Gêneros e Artefatos. Introdução*, pp. 19)

Segundo Vânia Carneiro de Carvalho estes movimentos buscavam desqualificar o estabelecimento **ideológico** de que o gênero masculino é superior ao feminino, cuja base está num **determinismo biológico** que enfatiza as diferenças sexuais. Para ela a neutralização das diferenças sexuais evita o determinismo biológico, mas “*age como um empecilho para o avanço do conhecimento das relações de gênero*” (pp. 19).

Carneiro Carvalho ressalta a maneira como Gisela Bock (Gisela Bock, “Challenging Dichotomias: Perspectives on women’s History”, em Karen Offen, Ruth Roach Pierson e Jane Rendall (Eds), *Writing Women’s History: International Perspectives*, Bloomington, Indiana University Press, 1991, pp. 1-24) pensou as relações de gênero a partir de três dicotomias: natureza *versus* cultura; trabalho *versus* família; público *versus* privado. Os estudos de gênero buscaram desconstruir as formas tradicionais de pensamentos sobre a mulher -que neste contexto era vista através de funções naturais de reprodução social e cultural- demonstrando, assim que não se trata de divisões simétricas entre o gênero feminino e o masculino e, sim de uma construção hierárquica que desqualifica as funções femininas (pp.19).

A partir das considerações feitas pela presente autora, podemos observar a inter-relação entre as mudanças que a cidade passava e a formação de identidades sociais, de acordo com os gêneros, na perspectiva das relações entre espaços e objetos masculinos e

femininos. Carneiro Carvalho procura trazer à tona a dinâmica da vida cotidiana (pp. 20) a partir do estudo da organização do espaço e o do sistema doméstico.

Nas margens de cada página do livro podemos ver símbolos de gênero, o que me chamou muita atenção. Creio que foi uma iniciativa criativa e até mesmo inusitada; causou-me risos, tantos que busquei na Internet seus significados: os símbolos de gênero são baseados nos signos astrológicos. O círculo com uma seta indicando para cima representa Marte, o deus da Guerra, e também um símbolo de masculinidade. O círculo com uma cruz para baixo representa Vênus (Afrodite), deusa do amor e da beleza, e o símbolo da feminilidade. Na astrologia, Vênus representa o signo de Touro e Marte representa o signo de Áries. Ou seja, ambas as partes tem chifre. (<http://coisasdehomem.hitechlive.com.br/2008/sexo-e-relacionamentos/simbolos-de-genero-masculino-feminino-transgenero/>)

Vânia Carneiro de Carvalho estudou como sugere o título, “O sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material” na São Paulo de 1870 a 1920. A cidade de São Paulo, no período ressaltado pela autora foi marcado por **transformações radicais** impulsionadas pelo enriquecimento da economia paulista com o café e as projeções decorrentes: a mudança dos “barões do café” para a cidade; a explosão populacional; a cidade vista como um espaço urbano, um núcleo dinâmico, onde há uma diversificação do terceiro setor da economia; o aumento da burocracia estatal; a especulação imobiliária; e instalação de redes viárias, de gás e eletricidade (pp. 20) que futuramente acabaram por facilitar o **consumo de luxo das elites**.

A crescente instalação de **infra-estrutura e o embelezamento** da cidade culminaram numa mudança no padrão de moradia de famílias da elite, que na cidade de São Paulo iniciou com construções de loteamentos e casas de porte médio próximos ao centro e da Estação da Luz. (Maria Cecília n. Homem, “Visão Urbana: O Pioneirismo de Amélia Sabino de oliveira ao Registrar São Paulo nos Anos 30”, Revista Memória, ano V, n.19, jul.-dez.1993,pp.13-15; Benetido L. de Toledo, Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno em São Paulo, São Paulo, Empresas da Artes, 1996, pp.19-107; Benetido l. de Toledo, São Paulo, Três Cidades em um Século, São Paulo, Duas Cidades, 1981; Ernani Silva Bruno, História e Tradição da cidade de São Paulo, São Paulo, Hucitec, p.1027). Vânia Carneiro de Carvalho afirma que no período citado houve uma grande **especialização do espaço doméstico**, o que foi de suma importância para as suas considerações sobre os fenômenos de **produção e reprodução de diferenças entre homens e mulheres**.

As residências passaram de **palacete para “casa moderna”**. Esta mudança de nomenclatura sugere uma adaptação das residências **aristocráticas** europeias às aspirações da **burguesia** do século XIX. Nesta nova arquitetura estava definido (fisicamente) as áreas públicas, privadas e de serviço, bem como as áreas internas e externas. (pp.21) Para a presente autora, esta nova divisão física da casa sugere uma **demarcação sexualizada dos territórios sociais** que é atestado pelos modelos de moradia europeus.

*“Em São Paulo, essa arquitetura opunha-se às residências filiadas à tradição portuguesa, caracterizadas por uma baixa capacidade de expressar formalmente a situação social de seu proprietário.”* (pp.21)

A “**casa moderna**” marca o rompimento com as práticas coloniais e exerce a função de demonstração pública de posição social (pp.22) através do consumo de **artefatos de decoração**, expressando o intuito de **ascensão social** [Maria Luiza F. de Oliveira, *Relações Sociais e Experiência da Urbanização: São Paulo, 1870-1900*, Tese de Doutorado, São Paulo, Depto. De História da FFLCH\_USP, 2003 (publicada como *Entre a Casa e o Armazém: Relações Sociais e Experiência da Urbanização, São Paulo, 1850-1900*. São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2005)]. Carneiro Carvalho observa que as considerações sobre o consumo da época pesquisada não podem ser feitas para a parcela **pobre** da população, estes só estavam presentes neste contexto como **empregados das casas burguesas**.

*“Por vezes, sua existência surge indiretamente na documentação, na medida em que as famílias pobres – quase itinerantes pela cidade, constituídas por trabalhadores flutuantes, muitas sem contar com a presença masculina do chefe da casa – são os interlocutores ‘indesejáveis e subliminares, o outro do discurso voltado para a constituição da casa moderna.”* (pp.23)

Com a vinda da Família Real para o Brasil as famílias mais abastadas começaram a se inspirar no gosto dominante europeu (pp.32), logo, gradativamente ocorreu uma apropriação pela burguesia dos signos materiais da tradição aristocrática, inicialmente a portuguesa e, em seguida –com o rompimento dos aspectos coloniais- a inglesa e a francesa.

As “casas modernas” expressavam uma especialização da vida doméstica baseada nas distribuições sexuadas dos ambientes, dos artefatos e dos objetos, que foi incentivada pelo modo de vida burguês (pp. 120). Estas residências apresentavam funções bem definidas, em que havia uma “(...) persistência e naturalização do poder e da subserviência (...)”, o que para Vânia Carneiro de Carvalho ofereceu “(...) uma nova plataforma de análise dos problemas da diferença entre homens e mulheres nas relações familiares e domésticas.” (PP. 27)

Perseguindo os sentidos dados pela especialização por qual passou as residências na época recortada, a presente autora, observa as distinções entre salas de jantares –vista como um ambiente masculino- (pp. 119) e, as salas de visita –vistas como ambientes femininos. (pp.156/157) Carneiro Carvalho observa que as salas de jantar guardam em si um sentido de tradição expresso na figura do homem como “chefe de família”. (pp. 119) As salas de jantares tinham de demonstrar através de sua decoração ícones de riqueza e ancestralidade que legitimassem a família dona da casa. (pp.118)

*“O senhor da casa comandava um espetáculo, destinado sobretudo à consolidação de vínculos e alianças”.* (Maria Amália Vaz Carvalho, op. Cit., p136/137)

Já as salas de visitas deveriam transparecer os atributos femininos através de uma junção entre o poder aquisitivo do “chefe da família” e a imaginação, o gosto delicado e artístico das mulheres da casa. Neste ambiente as mulheres deveriam apresentar publicamente as suas habilidades de conversação, literatura e música. (pp. 157) Estas salas eram dotadas de um universo semântico bastante suntuoso e propiciador de uma mediação das relações sociais através da manipulação desse universo simbólico no cotidiano social da família. (pp. 158)

Vânia Carneiro de Carvalho ressalta, ainda que as salas de jantares eram decoradas no estilo inglês e, as salas de visita num estilo francês. (pp. 125) a distinção entre decoração francesa e inglesa era também transposta para a disposição dos ambientes da casa, ou seja, em sua construção material. O estilo francês trazia como ambiente principal de uma casa o “parlor”, já o estilo inglês era concebido pela idéia de cidade-jardim e living-room. (pp. 24)

Carneiro de Carvalho afirma que a partir de 1920, ano em que encerra a sua análise ocorre uma mudança na visão sobre a casa, em decorrência da entrada da mulher no mercado de trabalho. Concomitantemente desenvolveu-se um novo momento das relações de gênero, especialmente nos Estados Unidos.

A segunda tarefa coordenada pela professora foi à realização de uma pesquisa bibliográfica em sítios na internet e na biblioteca da PUC-RIO sobre o tema trabalhado na atividade anterior: cultura material. O objetivo, nesse caso, era o de construir uma bibliografia mais extensa, levando em conta alguns acervos conhecidos. Realizado esse primeiro levantamento, foram selecionados alguns títulos que sugeriam maior proximidade com a pesquisa. Por fim, foi elaborado um relatório contendo os títulos selecionados e os descartados, suas referências nas instituições em que estão abrigados e breves descrições dos conteúdos dos textos, artigos e livros de interesse para a pesquisa.

A terceira tarefa consistiu em desenhar um projeto de pesquisa próprio, tendo como referência a pesquisa-matriz, da professora Maria Alice, e as atividades já descritas anteriormente. Para esse desenho, foi mobilizado o livro OLHAR PERIFÉRICO: INFORMAÇÃO, LINGUAGEM, PERCEPÇÃO AMBIENTAL, de autoria de Lucrecia D’Alléssio Ferrara, publicado pela Edusp em 1993, que explora o significado de imagens cotidianas produzidas por moradores da periferia da Grande São Paulo. Pesquisando sobre o trabalho da autora na internet, encontrei algumas obras que se baseiam em suas considerações sobre a semiótica da cidade. Interessei-me, particularmente, pela temática da Representação do Cotidiano mediante a produção de imagens fotográficas. Sinto, porém, que a tarefa ainda precisa de maiores subsídios.

A quarta tarefa foi a leitura do livro Sociedade de Esquina de Willian Foote Whyte, publicado pela editora Jorge Zahar no Rio de Janeiro em 2005, e a realização de um texto sobre o livro que enfocasse aspectos relativos à cultura material e o seu impacto na vida cotidiana de um grupo.

Na “Apresentação à Edição Brasileira – O observador participante”, Gilberto velho afirma que Sociedade de Esquina é um exemplo de como a investigação científica pode contribuir para a crítica de estereótipos e preconceitos. Com a leitura do livro podemos perceber que William Foote Whyte no desenvolvimento de sua investigação observa a importância da interação entre indivíduos serem pensadas e analisadas como a ação de sujeitos ativos integrados a grupos sociais que passam por contínuas mudanças. Assim, Whyte demonstrou que *“Corneville apresenta um complexo sistema de relações entre grupos, redes sociais e interações individuais que expressa densos e riscos conjuntos de significados.”* (Whyte, William Foote. Sociedade de Esquina. Apresentação à Edição Brasileira, p. 13).

O trabalho de campo que culminou no livro Sociedade de Esquina aconteceu graças a uma bolsa de iniciação da Universidade de Harvard e, foi realizado de 1936 a 1940. Durante o primeiro ano de pesquisa Whyte morou com uma família italo-americana, quando se casou mudou-se para outro apartamento no mesmo distrito.

Corneville foi o nome fictício que William Foote Whyte utilizou para atender uma das exigências da realização de uma etnografia – a discrição quanto a nomes. Neste livro que é uma edição comemorativa de cinquenta anos, o autor revela alguns dos verdadeiros nomes em seus trabalhos. Corneville, na verdade, é o Norton End de Boston. Este distrito era conhecido como uma área pobre e degradada, percebido como um ambiente social em discordância com a sociedade (ou comunidade - é o que esta no livro) ao seu redor.

“Área pobre e degradada; a expressão original é slum district, que o autor define como 'uma área urbana onde existia alta concentração de pessoas de baixa renda vivendo em habitações dilapidadas e em péssimas condições sanitárias e de saúde' (p. 347). A expressão 'área pobre e degradada' sintetiza a definição de Whyte, descreve bem o mundo de Corneville e é suficientemente ampla para permitir associá-lo ao mundo de favelas, periferias, alagados e semelhantes que tão bem conhecemos” (Whyte, William Foote. Sociedade de Esquina. Introdução, nota, p.19).

Corneville era habitada por imigrantes italianos e seus filhos, assim a macrorregião de origem desses italianos era um dos fatores importantes na organização da vida nesta comunidade. A divisão encontrada na Itália entre italianos do Norte e do Sul era repetida em Corneville não somente como diferenciação social, mas também como uma característica suficiente e necessária para a formação de comunidades de ajuda mútua; as pessoas da mesma cidade eram conhecidas e reconhecidas como “paesani” (p.21) uma da outra. Com o desenvolvimento das novas gerações este laço de lealdade - “paesani”- já não era mais o que ligava as pessoas uma as outras.

Whyte observa um novo padrão de comportamento nos jovens de Corneville, em que as relações pessoais que os ligava expressavam certas distinções, mas entremeavam-se umas as outras. As distinções eram: rapazes de esquina e rapazes formados, que eram considerados na estrutura social e política como “peixes miúdos” e gângsteres e políticos considerados como “peixes graúdos”. É a partir dessas distinções que Whyte busca explicar “as lealdades pessoais e o significado das atividades políticas e mafiosos.” (Whyte, William Foote. Sociedade de Esquina. Introdução, p.24).

William Foote Whyte iniciou seus estudos no Centro Comunitário local, onde foi apresentado a Doc, um rapaz de esquina que o introduziu na vida cotidiana de Corneville. Whyte percebeu que os rapazes de esquina ligavam-se uns aos outros por laços de obrigação mútua e que as lealdades de grupo eram sustentadas através desses laços. Foi observando os Norton -grupo em que Doc era líder- que Whyte percebeu esta e outras características dos grupos de rapazes de esquina. Estes grupos apresentam diferenças hierárquicas que permitem a análise e a interpretação de que o presente autor observou que os integrantes dos Nortons que estavam no topo da hierarquia do grupo mantinham relações com os outros grupos, enquanto os seguidores encontravam-se limitados aquela esquina (o nome do grupo fazia referência a esquina onde eles faziam ponto). Os líderes dos rapazes de esquina não usavam de violência física para manter sua posição no grupo, mas suas histórias de brigas no passado contribuíam para a manutenção de suas posições, dentro e fora do grupo.

Certa vez, cumprindo uma exigência de sua posição, Doc marcou um jogo de boliche contra o glube da Comunidade Italiana. Este clube era formado quase que exclusivamente por rapazes formados, o que deu um significado maior a este evento para os rapazes de esquina, que tiveram a oportunidade de atacar as posições sociais e às

aspirações dos rapazes formados. A vitória desta partida foi tão satisfatória para os Norton que o boliche tornou-se uma parte regular da rotina social dos rapazes.

William Foote Whyte conseguiu observar uma conexão entre as realizações de cada rapaz em um jogo de boliche e sua posição no grupo; posição esta, estabelecida através da relação de um homem com seus companheiros. O jogo de boliche envolvia situações e oportunidades de aceitação e reconhecimento para todos os integrantes do grupo, até mesmo para Whyte. Mas os ajustes dessa possibilidade poderiam assumir diversas formas de acordo com os sentimentos dos membros do grupo quanto ao seu requerente e com o efeito disto na hierarquia do grupo. Assim, um rapaz poderia manter, ganhar ou perder prestígio de acordo com suas realizações nos jogos de boliche. Isto ocorria porque o boliche era a principal atividade social do grupo.

## **Metodologia**

Como é possível observar na descrição de minhas atividades, a principal proposta da professora Maria Alice (que também é a finalidade das pesquisas Pibic) consiste em me familiarizar com a atividade de pesquisa – procedimentos, definição de objetivos, estabelecimento de um cronograma etc, antes de uma efetiva ida ao campo.

Nosso interesse reside na compreensão da cidade como um dos mais importantes signos da vida social contemporânea, reunindo, em si, diferentes e complexas questões, tais como a da criação de saberes, que Lucrecia D’Alléssio Ferrara chamou de “percepções urbanas”. Assim, a pesquisa de campo a ser realizada na próxima etapa deverá articular a “percepção” que os atores têm de suas casas e de seus objetos, isto é, a percepção da “cultura material” na qual estão inseridos, com o plano mais geral, da representação que fazem da cidade, da vida urbana.

Assim, por exemplo, quando Néstor García Canclini, em seu livro intitulado **CONSUMIDORES E CIDADÃOS: CONFLITOS MULTICULTURAIS DA GLOBALIZAÇÃO**, afirma que “o consumo serve para pensar” o que ele faz é retirar do consumo o sentido de ação fútil ou irracional, resultado de manobras mercadológicas, para percebê-lo enquanto um dos modos de inscrição dos agentes sociais em uma cultura compartilhada.

## **Conclusões**

Tendo em vista o encerramento da primeira fase da bolsa, a professora Maria Alice Rezende de Carvalho sugeriu que, juntamente com a elaboração desse relatório, eu preparasse uma pequena exposição pública das atividades desenvolvidas até aqui. A exposição ocorreria no âmbito de nosso grupo de pesquisa e teria por objetivo socializar os conhecimentos adquiridos e aperfeiçoar o desenho da pesquisa de campo (que terá início assim que possível).

## **Referências**

- 1- CANCLINI, García Nestor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, 2003
- 2- CARVALHO, Vânia de Carneiro. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – são paulo, 1870-1920**. São Paulo: Edusp, 2008.

3- FERRARA, Lucrecia D`Alléssio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental. São Paulo: Edusp, 1993**

4- WHYTE, Willian Foote. **Sociedade de Esquina.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2005.